



AT WORK + CIRCUIT

TOMMI MUSTURI

MENSAL SETEMBRO 2018 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

blimunda
76

ANOS

ANNUAL NOBEL

Editorial 5

Relembrar e voltar a celebrar o Nobel

Leituras 6

Sara Figueiredo Costa

Estante 13

Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa

Tommi Musturi 19

Sara Figueiredo Costa

A Casa da Andréa 30

Andréa Zamorano

Circuit/At Work 38

Andreia Brites

And The winner Is... 51

Andreia Brites

Espelho Meu 52

Andreia Brites

Saramaguiana

Homenagem ao escritor e leitor José Saramago 56

Carlos Reis

Agenda 20 Anos de Nobel 71

Agenda 73

Epígrafe 77

blimunda n.º 76 setembro 2018

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação José Saramago The José Saramago Foundation

Casa dos Bicos



Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat
10-18h 10 am to 6 pm

Relembrar e voltar a celebrar o Nobel

Há 20 anos, a notícia do Prémio Nobel de Literatura para José Saramago fez com que levitássemos. Ou, nas palavras do próprio laureado, a alegria foi tamanha que crescemos três centímetros. «Todos nos sentimos mais altos, mais fortes, mais formosos até»,

disse José Saramago sobre a forma tão efusiva com que a distinção foi recebida pelos seus leitores, não só em Portugal como no mundo todo.

Agora, passadas duas décadas dessa alegria, uma série de iniciativas pretendem recordar esse momento histórico para a língua portuguesa e homenagear o protagonista do feito. A Fundação José Saramago está envolvida em várias dessas atividades, seja em Portugal ou em outras partes do mundo. As celebrações arrancam no dia 8 de outubro, em Coimbra, com um Congresso Internacional sobre a obra de José Saramago e terminam no dia 15 de dezembro, em Lisboa, com a estreia mundial da sinfonia *Memorial*, composta por António Pinho Vargas e que tem como mote os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Pelo caminho, no Porto, em Madrid, Guadalajara, Belém do Pará, Vigo, Lanzarote, Azinhaga e muitos outros cantos do mundo, José Saramago e a língua portuguesa serão celebrados.

Os leitores do autor de *Levantado do Chão* também terão a oportunidade de ler um inédito do escritor. Será publicado em outubro o *Último caderno de Lanzarote*, diário referente ao ano de 1998 que, embora mencionado por José Saramago em entrevistas, nunca chegou a ver a luz. Em simultâneo, será publicado um livro que conta os bastidores do Prémio Nobel de 1998. Um país levantado em alegria, do jornalista Ricardo Viel, diretor de comunicação da FJS, reconstitui os dias anteriores e posteriores ao anúncio do galardão e revela mensagens que personalidades e leitores anónimos enviaram a José Saramago parabenizando-o pela conquista.

Relembrar e voltar a celebrar aquele que até hoje é o único Nobel de Literatura em língua portuguesa. Reviver a alegria que a notícia trouxe. Quem sabe até levitar novamente de alegria. Outubro traz-nos promessas de felicidade.

leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

O Brasil de que não se fala toma a palavra

«O que aconteceu com Marielle mudou a visão das pessoas. Eu sempre falo que tem que ter esperança. E me perguntam como eu consigo falar de esperança nesse caos em que eu vivo.»

no início do próximo mês, os eleitores brasileiros vão às urnas. Depois do *impeachment* de Dilma Rousseff e dos muitos escândalos de corrupção que foram ocupando os noticiários, parece que tudo se joga no espaço habitual a que os media dão cobertura. No Rio de Janeiro, Alexandra Lucas Coelho procurou traçar outras topografias para compreender o que se passa, numa reportagem publicada no *Sapo 24*. É que para além do *impeachment* e dos escândalos, houve os atropelos democráticos, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, muitas mudanças nas relações de forças sociais e, já este ano, o assassinato de Marielle Franco. O espaço habitual onde se jogam as próximas eleições já não é igual ao que habitualmente nos chega pelos écrãs e muito parece estar a mudar em setores da sociedade que até agora não imaginavam que a sua voz era tão válida para ecoar na polis da democracia como qualquer outra. Numa reunião na sede do Clube Democráticos, a jornalista registou muitas vozes que já não parecem dispostas a calar-se: «Mônica Francisco pega na palavra: “A execução de Marielle coloca em nós uma responsabilidade enorme: ocupar os espaços de poder. Eles, que estão hoje no poder, têm medo da gente. 2019 não vai ser um nirvana. A gente sabe o que serão as bancadas [do Congresso que sair das eleições]. Mas também sabe que quando ocupamos, não ocupamos sozinhas. Mulheres negras estiveram

à frente de sociedades inteiras, são inclusivas até à alma. Este é um tempo histórico e profético e a gente precisa ocupá-lo contra os coronéis. Não dá mais para fazer sem nós. Não tem mais como fazer política sem dialogar com as mulheres da favela. A gente está dizendo isso, e isso também é perigoso.”»

Entre as muitas pessoas ouvidas nesta longa reportagem, destaca-se a voz de Monica Benicio, a mulher com quem Marielle Franco se ia casar e com quem há muito partilhava a vida: «“O que aconteceu com Marielle mudou a visão das pessoas. Eu sempre falo que tem que ter esperança. E me perguntam como eu consigo falar de esperança nesse caos em que eu vivo.”Um caos de que Monica só falará mais a fundo na casa da Tijuca, daqui a dias. “O 14 de março é um divisor de águas na nossa sociedade. Quando você tem essa frente de mulheres negras se posicionando, isso ressignifica o 14 de março. A barbárie de matar a única mulher preta vereadora no centro da cidade, às nove e meia da noite, é algo que rasga a democracia. Então a gente precisa disso, dessa frente, de querer saber o que aconteceu, para garantir que ainda tem democracia. Eu não me retirar, como essas mulheres não se retiram, é re-significar o 14 de março. Essa data que podia ter-me colocado na cama, desejando morrer. O que também seria legítimo e compreensível. Mas se a gente se retira da luta está dizendo que o 14 de março foi em vão. E eu não admito isso.”»

No próximo dia 7 de outubro, pode mudar muito ou pouco no panorama mais visível da política brasileira, mas há mudanças só aparentemente silenciosas que parecem ter encontrado o seu rastilho. ➡

Uma cidade feminista

A suposta neutralidade em que a arquitetura acontece é só mesmo suposta, porque os projetistas, os decisores, são genericamente, maioritariamente, homens”

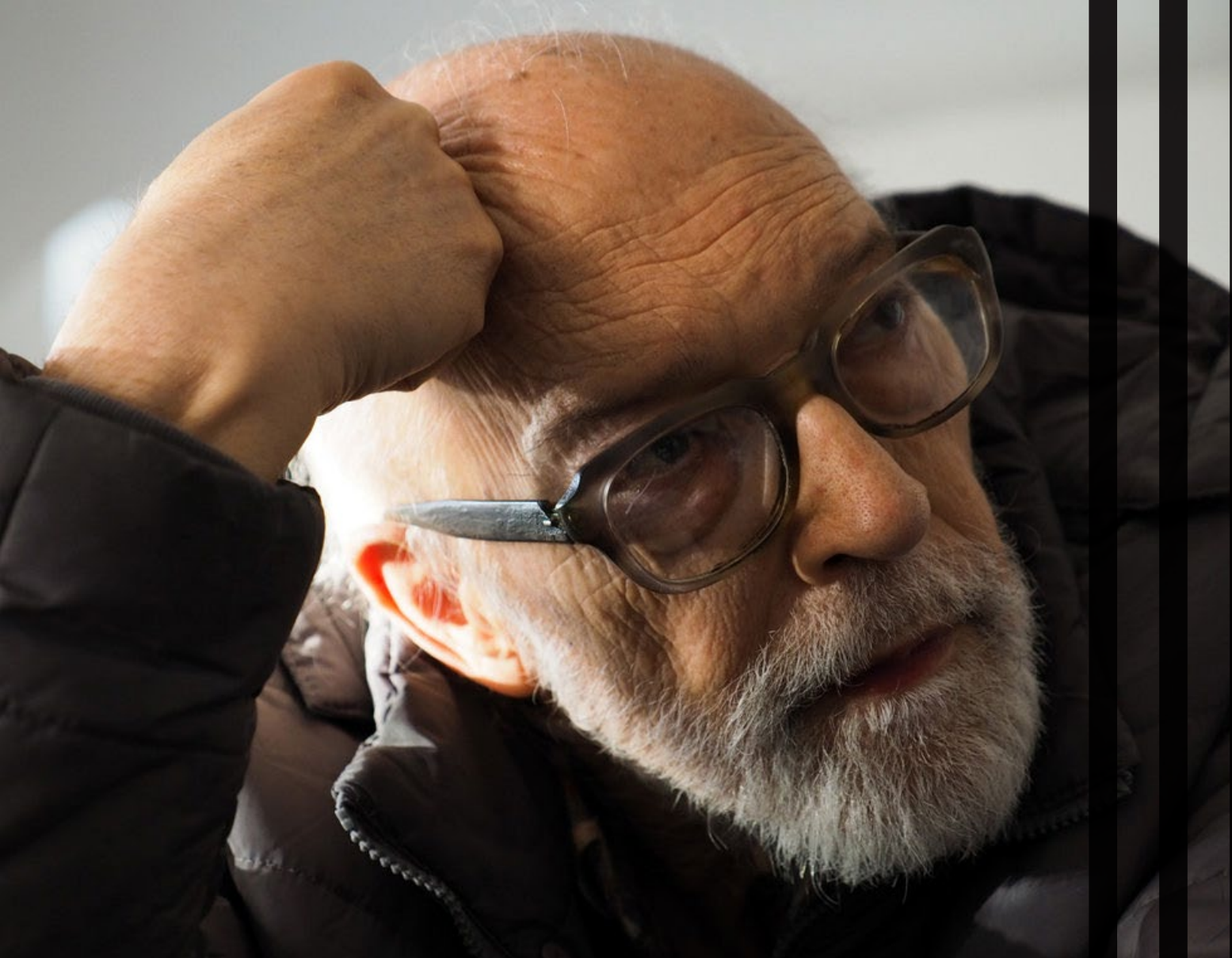
No site *O Corvo*, um artigo de Andreia Friaças, com imagens de António Castelo, dá a conhecer o trabalho das Mulheres na Arquitetura, um coletivo que procura repensar a cidade de Lisboa a partir de uma vivência democrática e igualitária do espaço. «“A arquitetura e o urbanismo não são disciplinas neutras”. Patrícia Santos Pedrosa, professora, investigadora, arquiteta e feminista. Se estivéssemos numa

das suas aulas, esta seria inequivocamente a primeira lição a ser dada. Na conceção de uma cidade nada é inócuo, seja a escolha dos pavimentos, da iluminação, dos tipos de percursos delineados, a localização dos serviços, a conceção de estabelecimentos ou espaços públicos. “A suposta neutralidade em que a arquitetura acontece é só mesmo suposta, porque os projetistas, os decisores, são genericamente, maioritariamente, homens”, acrescenta Patrícia.» O coletivo recebeu financiamento do programa da Câmara Municipal de Lisboa BIP-ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa – para o projeto “Um género de Escola”, que começará a ser implementado em algumas escolas da cidade já este ano. «Plurais são os problemas e têm de ser as soluções. Patrícia Santos Pedrosa recusa a ideia de que existe uma solução mágica ou uma receita-tipo. “Uma solução que funcione em Lisboa num determinado bairro pode ser fantástica e depois chegas a Cascais e é uma tremenda de uma desilusão”, continua. “O que é fundamental para ti no teu bairro pode não ser o que é fundamental no meu. Para cada vila e contexto, tem de se trabalhar com mulheres para perceber o que é fundamental”. E aqui sublinha-se a palavra mulheres, no plural. “Esta questão do feminismo nunca foi, não é, nem pode ser, uma questão de um outro privilégio das mulheres brancas, tem de ser generosidade, empatia e solidariedade, se não não funciona”.» ➔

Rui Caeiro na primeira pessoa

«É preciso ter raiva à literatura para se fazer alguma coisa interessante neste campo, porque de outra maneira estão apenas a repetir-se as banalidades que andam no ar.»

Poeta discreto, como se costuma dizer quando se refere alguém pouco dado a aparições públicas muito anunciadas e a grandes eventos literários, Rui Caeiro é uma voz importante da poesia portuguesa. Pelo que escreve, sim, mas igualmente pelo modo como fez cruzar a sua vida com uma série de pessoas e acontecimentos que, à margem dos holofotes literários, foram fazendo nascer livros, editoras e pequenos contrabandos livrescos cheios de significado. O site *Jogos Florais* entrevistou Rui Caeiro e a conversa andou por esses territórios, sem se furtar ao comentário sobre o que



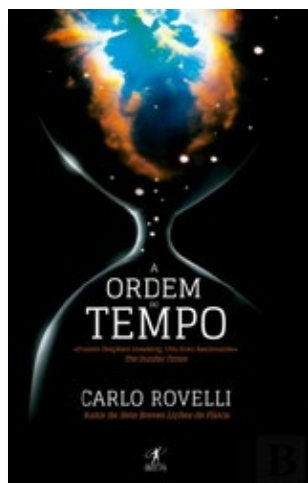
vai acontecendo entre a edição, a crítica e aquilo a que se poderia chamar meio literário (sem que a designação diga grande coisa, por tamanha heterogeneidade entre quem o frequenta). Sobre os poetas subvalorizados, diz Rui Caeiro: «É preciso ter raiva à literatura para se fazer alguma coisa interessante neste campo, porque de outra maneira estão apenas a repetir-se as banalidades que andam no ar. O Rui Nunes é um caso. E tem outra característica que eu aprecio muito, a pessoa e o poeta são parecidos, que é uma coisa que nem sempre acontece. O Herberto é capaz de ser o nosso maior poeta da 2.^a metade do século XX, lidei um bocadinho com ele, não muito, mas a pessoa não me encantava, também não me desencantava nem dava para embirrar, mas não encantava. Já um Rui Nunes, ou aquele tipo do Porto que morreu há uns anos, o Manuel António Pina... Fui entrevistá-lo ao Porto, e passados vinte e cinco minutos, era como se já nos conhecêssemos há anos. E o melhor da entrevista ficou fora do gravador, é uma coisa que acontece muito. E marcámos coisas para o futuro, mas a morte dele veio estragar isso tudo. Outro tipo que é igual à poesia dele – isto eu já escrevi várias vezes – é o António José Forte. Ele não tinha nada ar de literato, o que é ótimo. Havia nele uma suavidade no falar – e na maneira de ser – que não eram nada

incompatíveis com a revolta que também havia dentro dele: ele que era um anarquista e que era um puro.» E, mais adiante, sobre o facto de preferir publicar em pequenas, às vezes pequeníssimas, editoras: «Eu tenho consciência de que as pessoas que gostam mesmo de ler poesia não são em grande número. Digamos que são poucos, mas bons. Você veja que dantes era capaz de se fazer uma tiragem de um livro de poesia de mais de 1000 exemplares, hoje em dia só em casos muito especiais. Eu escrevi um livro erótico, livro de poesia erótica (*O quarto azul e outros poemas*), e o jovem editor da Letra Livre disse-me: “isto até ao fim do ano está vendido”. Não foi nada assim, ficou anos na prateleira. O Rui Pires Cabral, que é um poeta que eu aprecio (filho do António Manuel Pires Cabral, o pai até gostou de um livro meu...), dedicou um livro “aos meus (seus) trezentos leitores”, e essa dedicatória significava que trezentos era pouquíssimo. E hoje ter trezentos leitores já é muito bom. Os hábitos de leitura vão-se alterando.» ➔

A crise na edição espanhola **«El sector del libro en España va saliendo poco a poco del pozo, pero muy lentamente.»**

A crise económica de há uma década teve os seus ecos em muitos setores e da edição não ficou de fora. Em Espanha, só agora se nota alguma recuperação nos valores das vendas de livros, ainda que ténue, como se confirma num artigo do jornalista Josep Catà Figuls, publicado no *El País*: «El sector del libro en España va saliendo poco a poco del pozo, pero muy lentamente. En los últimos cuatro años la facturación del mundo editorial ha crecido un 6,3% hasta los 2.319 millones de euros de 2017. Este incremento, sin embargo, no es suficiente para compensar la caída acumulada del 25,7% de la facturación experimentada en los últimos años, según la Federación de Gremios de Editores de España. Su presidente, Daniel Fernández, achaca el desplome a la crisis económica, pero no solo: también al cambio de hábitos de consumo, a los cambios tecnológicos, a la caída de los hábitos de lectura. Las estrategias para remontar, especialmente la exportación del producto editorial español a América Latina, serán las protagonistas en el Liber, el salón internacional del libro que se celebrará en Barcelona del 3 al 5 de octubre en Fira de Barcelona.» ➔

O mundo sem tempo



A ORDEM DO TEMPO

Carlo Rovelli
Objetiva

Um livro sobre questões da física teórica exigiria recensão feita por alguém que dominasse o tema – e, antes disso, um leitor que nele soubesse orientar-se. Só que *A Ordem do Tempo* é um livro sobre questões da física teórica escrito para leitores comuns, chamemos-lhes assim, mesmo que os conhecedores da matéria não se sintam defraudados com a prosa de Carlo Rovelli. Avancemos, portanto, com cautela perante os possíveis obstáculos.

Físico teórico, tem dedicado parte da sua investigação à compreensão do tempo enquanto fenómeno e sabe que a sua área de estudo e investigação não é a mais amigável para a receção por parte de quem não tem da física um conhecimento mais profundo do que aquele que adquiriu ao longo da formação escolar. Compreender a contração da matéria com a descida da temperatura e a sua expansão na situação inversa é um passo relativamente simples, mas passar daquilo que conseguimos observar no quotidiano para a matéria mais vasta do universo, e aí reconhecer contrações e expansões, entropias, buracos negros, é de uma outra exigência.

O que Carlo Rovelli propõe neste livro é uma reflexão sobre o tempo. A ideia de uma cronologia como linha, que vem de um ponto e se encaminha para outro, parece sossegar-nos enquanto espécie – mesmo que saibamos que a linha um dia se interrompe – mas a física teórica não lhe reconhece sustentação. Partindo de uma visão histórica sobre o tempo, onde Aristóteles, Newton e Einstein são as três figuras

de proa de um longo processo de questionamento, compreensão e novas perguntas, Rovelli avança depois para as teorias que a física contemporânea, baseada nas leis da termodinâmica e na ideia de quantas, tem construído sobre esta categoria que nos parece tão essencial. A conclusão, não unívoca nem absoluta, mas ainda assim relativamente estável na comunidade científica, aponta para a ideia de que o tempo talvez não exista no universo, ou, pelo menos, talvez não exista do modo como nós o pensamos e sentimos, começando num passado e avançando em direção a um futuro: «É no nosso cérebro que uma extensão no tempo se condensa em percepção de duração.» (pg.161) As relações entre os elementos existem e as configurações criadas por estas relações, também, mas a necessidade de estabelecer uma cronologia parece dever mais à nossa mente do que à matéria do cosmos.

Rovelli consegue transformar complexas equações que aspiram a explicar o mundo em frases que tornam a compreensão das teorias da física quântica acessíveis a um leitor pouco experimentado nesta área. Não se trata de simplificar até ao ponto em que, na verdade, já não falamos da mesma coisa, mas antes de encontrar metáforas, exemplos, estruturas que permitam perceber o que sucede quando se tenta explicar a complexidade dos eventos cósmicos – onde também nos inserimos, não como matéria especial, mas com a mesma pertinência que todos os outros átomos. Por outro lado, Carlo Rovelli integra neste livro aquilo que muitos livros científicos deixarão de fora: uma compreensão profunda perante aquilo que nos distingue desses átomos, ou que achamos que nos distingue (passando, de facto, a distinguir-nos): emoções, inquietações e memória, sobretudo memória. E a consciência dessa distinção, seja ela absoluta ou a nossa forma particular de acreditar que existimos, dá às teorias físicas uma outra dimensão, já não de algo acessível unicamente aos cientistas nos seus laboratórios, mas antes de um conjunto de leituras do mundo que nos dizem respeito de um modo tão intrínseco como as tragédias clássicas ou a travessia memorial de Proust. Nos capítulos finais, lê-se: «Este espaço, a memória, juntamente com o nosso constante exercício de antecipação, é a fonte do nosso sentir o tempo como tempo, e a nós mesmos como a nós mesmos. (...) Assim, o tempo é a forma com que nós, seres cujo cérebro é feito essencialmente de memória e previsão, interagimos com o mundo, é a fonte da nossa identidade. E do nosso sofrimento.» (pg. 168-169) Não deixa de ser inquietante, mas faz-nos olhar para as estrelas de outro modo.



OBRA POÉTICA

António Ramos Rosa
Assírio & Alvim

Primeiro volume da obra poética de Ramos Rosa, reunindo os poemas publicados entre 1958 e 1987. A edição foi organizada e revista por Luis Manuel Gaspar, com a colaboração de Agripina Costa Marques e Maria Filipe Ramos Rosa. No posfácio, de Silvina Rodrigues Lopes, lê-se: «Num dado momento ou numa longa maturação, a poesia de Ramos Rosa tornou-se expressão irreconciliável da luz e da sombra, do aqui e do retorno, do sentido e do sem-sentido. Porque as linhas do sem-sentido se cruzam e destecem o poema.»



AS MINHAS INCRÍVEIS FÉRIAS DE VERÃO

Davide Cali, Benjamin Chaud
Orfeu Negro

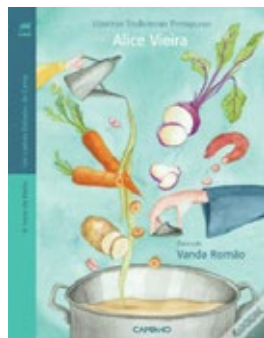
Neste novo título da dupla Davide Cali/ Benjamin Chaud que a Orfeu Mini vem editando o menino a quem acontecem as coisas mais extraordinárias vê-se confrontado com um desafio bem real: um mapa do tesouro. Nada melhor para lhe animar as férias! Depois de muitas aventuras, o *twist* final surpreende... Lido sem conhecimento dos livros anteriores, a narrativa continua a funcionar. Todavia o efeito de humor ganha ainda mais força se o leitor estiver ciente de tudo aquilo por que a professora já foi obrigada a passar.



A NOSSA ALEGRIA CHEGOU

Alexandra Lucas Coelho
Companhia das Letras

O novo romance da autora cria, pela primeira vez na sua obra literária, um universo próprio e não identificado com nenhum território conhecido (mesmo que alguns elementos nos coloquem inevitavelmente num imaginário que diríamos brasileiro). Cosmogonia do século XXI, esta é uma história de revelações e linhas cruzadas, mas sobretudo uma elegia à vontade de mudar o mundo sem prescindir do riso e do prazer.



A SOPA DA PEDRA/ UM LADRÃO DEBAIXO DA CAMA

Alice Vieira
Vanda Romão
Caminho

Há muito que Alice Vieira começou, na Caminho, a recontar histórias tradicionais. Depois de uma primeira coleção de capa azul e formato mais pequeno, as edições recomeçaram com um novo formato e com duas narrativas em cada livro, uma delas já publicada e outra inédita. Após algum tempo de interrupção a coleção volta a lançar um novo título e Alice Vieira volta a cumprir a forma do conto tradicional: repetição, ritmo, moral. O seu modo de contar tem a particularidade de ser contido e elíptico, sem tentações explicativas.



HAICAIS TROPICAIS

VVAA

Companhia das Letras

Celebrando mais de um século de emigração japonesa no Brasil, a Companhia das Letras publica uma recolha de poetas brasileiros que cultivaram a forma do haiku, pequeno poema de três versos originário do Japão. Entre os autores, figuram nomes como os de Mario Quintana, Manoel de Barros, Régis Bonvicino ou Alice Ruiz S.



PENSA LÁ BEM. FILOSOFIA PARA MENTES JOVENS

Anna Vivarelli

Nuvem de Letras

Em cada um dos pequenos capítulos do livro exploram-se questões como a amizade, a morte, a estética, o medo, o tempo ou os sonhos. Num discurso acessível as situações do quotidiano são relacionadas com súmulas do pensamento de referências da filosofia, de Aristóteles a Bertrand Russell, de Bergson a Freud. No final do livro consta um brevíssimo glossário, as referências bibliográficas e um espaço dedicado ao registo de perguntas por cada leitor.



EL BARRIO DE LA PLATA

Julià Guillamon
L'Avenç

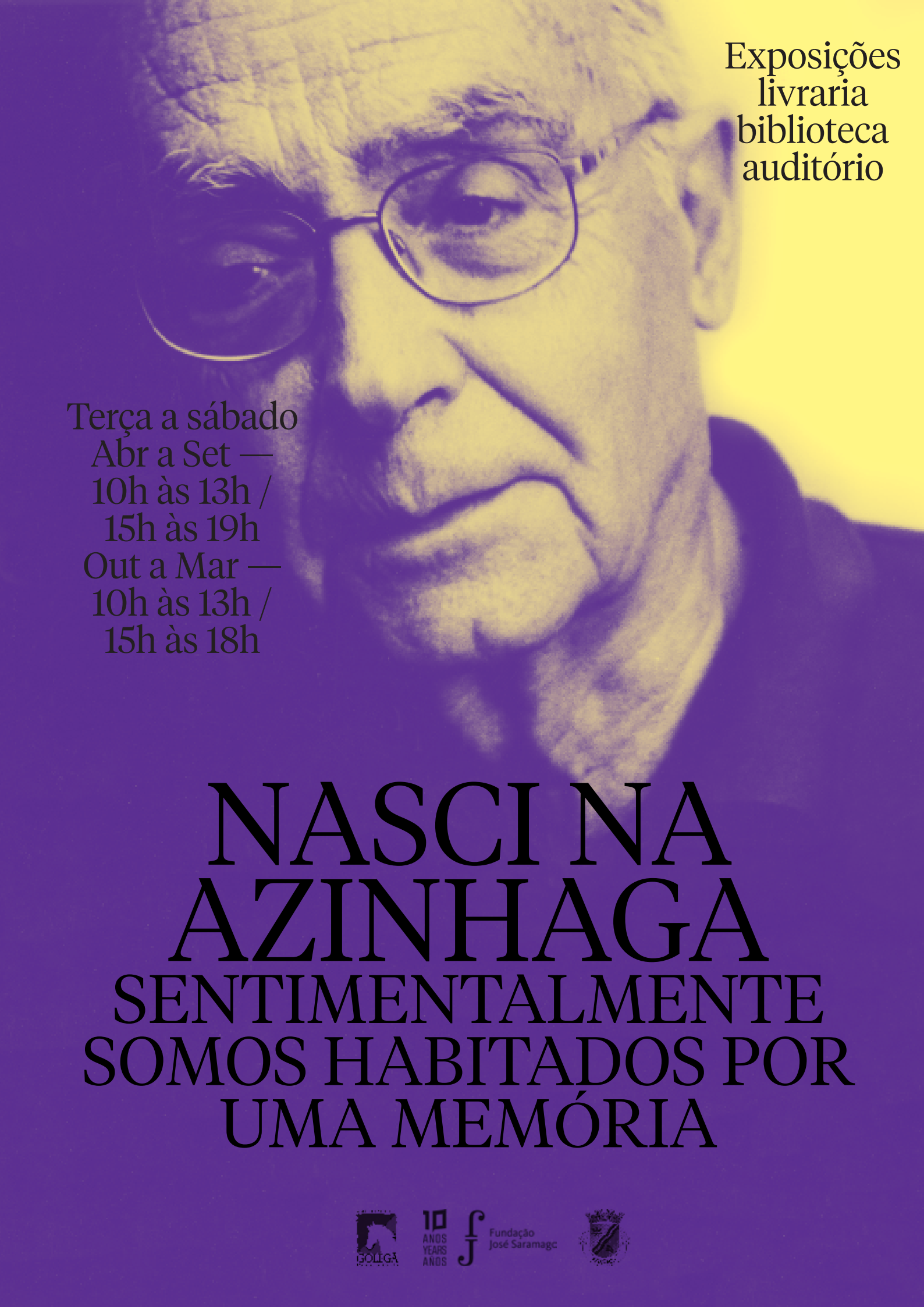
Novo romance do escritor e crítico literário catalão, *El Barrio de La Plata* centra a sua narrativa na reconstrução das memórias de infância e juventude do autor, profundamente vinculadas ao espaço onde cresceu, o bairro que dá nome ao livro e que continua a existir na zona de Poble Nou, em Barcelona.



MAXIMUM TROLL-ON

Benjamin Bergman
Mmmnnnrrrg

Num registo gráfico só aparentemente infantil, o autor finlandês Benjamin Bergman cria histórias em banda desenhada onde ecoam referências populares como os ZZ Top ou a série *Conan*, o *Bárbaro*, sempre atravessadas por um psicadelismo desencantado onde a acidez omnipresente parece dever tanto às substâncias químicas como à ironia mais aguda.

A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses, looking slightly to the left. The background is a solid dark color.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago



assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100



tonm
mustw
ospora



sara
figueiredo
costa

Foi o mercado que nos habituou a associar a banda

desenhada europeia ao eixo geográfico França-Bélgica,
uniformizando uma ideia de criação, estilo e circuito comercial que
deixa de fora a miríade de autores, projetos, editoras e movimentos



espalhados por outros países da Europa, alguns com uma vitalidade verdadeiramente assombrosa. É o caso da Finlândia, onde os cerca de 5 milhões de habitantes parecem ter desenvolvido um interesse particular pela leitura de banda desenhada, tendo em conta a quantidade de autores, galerias, editoras e publicações que trabalham e acolhem esta linguagem. Num percurso com pontos comuns aos da maioria dos países europeus, a Finlândia viu nascer dezenas de publicações independentes, muitas delas em regime de autoedição e com impressão artesanal ou de baixo custo, ao longo do final da década de 70 e início da de 80 do século passado. A banda desenhada saía do registo cómico dos jornais, sob forte influência da indústria norte-americana, e encontrava novos lugares no cruzamento entre as artes, a literatura, a performance e as novas reflexões sobre a cultura popular, a criação artística e a circulação de objetos culturais. O movimento – se assim lhe podemos chamar – cresceu e ocupou o seu espaço na imprensa escrita, nos circuitos culturais e nas livrarias. Muitos autores começaram a publicar em antologias, que assumiram – e assumem – um papel preponderante como espaço de afirmação de novos autores e como divulgação de criações mais curtas, sem fôlego para a publicação em livro, e encontraram, entretanto, o ritmo e a capacidade produtiva que lhes permitiu criar livros de maior dimensão.

Na derradeira edição do Salão Lisboa (um encontro organizado pela Câmara Municipal de Lisboa, através da Bedeteca), em 2005, foi precisamente a Finlândia o país convidado do certame, proporcionando ao público que visitou o Salão um contacto, talvez o primeiro, em muitos casos, com o trabalho de artistas como Matti Hagelberg, Tarmo Koivisto ou os integrantes do coletivo Napa. Nessa altura, Tommi Musturi não estava entre os autores com trabalhos expostos, mas treze anos passados, é seguro dizer que o seu nome é um dos mais destacados entre aqueles que se dedicam à banda desenhada contemporânea na Finlândia. Em Portugal, conhecemos parte do seu trabalho graças a edições recentes da



Mmmnnnrrrg e da Chili Com Carne, ou a projetos mais antigos, quase todos gravitando em torno da Bedeteca de Lisboa (quando esta tinha programação própria, investindo na divulgação da banda desenhada contemporânea portuguesa e de outras latitudes, e um serviço de edição), como a revista *Quadrado* ou algumas exposições e feiras de edição ali organizadas. Agora, a Mmmnnnrrrg publica-lhe *Antologia da Mente – Seleção de histórias curtas*, um volume que reúne 37 trabalhos do autor, editados entre 1997 e 2018 em diversas publicações finlandesas e internacionais.

Um autor que preza a experimentação

Um primeiro olhar, desprevenido, sobre estas mais de cem páginas poderia induzir a ideia de estarmos perante um volume coletivo, tamanha é a diversidade de registos, cores e estilos presente nas histórias curtas de Tommi Musturi. A amplitude cronológica poderia justificar essa diversidade, não fosse tal justificação não só desnecessária como contraproducente. Musturi é um autor que preza a experimentação, a descoberta enquanto processo de criação e a liberdade gráfica e isso reflete-se neste livro de um modo muito evidente. Há histórias que trabalham com três ou quatro cores, além do preto, desenvolvendo-se em traços quase expressionistas, cheios de sobreposições e movimento, como «Maquete» e «No Mar», e outras que tiram partido de uma linha clara e vinhetas uniformes, como «O Que É Isto?». Há perspetivas distorcidas e quase cubistas em «Um Homem Com Bigode» e «Waiting for the Superman» e traços quase esboçados, buscando um realismo sereno, em «Não Quero Acordar». E há psicadelismo cromático (e temático, se assim podemos dizer), alternância entre vinhetas de texto e de imagem, técnicas mistas com variadíssimos materiais e, no final, uma banda desenhada feita pelo autor na infância, «A Guerra Não Compensa», e publicada em 2002 numa revista finlandesa.

Não há um tema único, sequer dominante. Musturi cria histórias sobre as pequenas alegrias e misérias do quotidiano, os



abismos existenciais ou a límpida observação de um fenómeno. Por vezes, como em «Mickey, o Assassino», as histórias nem sequer têm uma narrativa explícita, configurando-se como exercícios criativos em torno das imagens, do espaço, da própria prancha. Entre os 37 trabalhos, encontram-se histórias pensadas para os mais novos, como «Amizade» – realizada a convite da coleção de livros infantis Nuppuset, reflexões abstratas e marcadas pela auto-referência, como «Matéria Negra», criada para uma antologia literária, ou adaptações como a que se mostra em «Milagres», que resgata o poema homónimo de Walt Whitman em duas pranchas de uma imensa beleza formal.

O estilo é o inimigo do autor

No final do livro, há uma secção intitulada Notas do Autor. Não é habitual termos o autor de uma obra a esclarecer aspetos do seu trabalho no mesmo espaço em que esse trabalho é publicado e o acrescento de Tommi Musturi à antologia acaba por ser um extra-texto muito enriquecedor. Algumas das narrativas aqui reunidas, isoladas do contexto da sua publicação inicial, oferecem-se a leituras sem rede. Numa leitura analítica, a procura de sentidos, diálogos e referências torna-se um processo em constante ameaça de derrocada, na medida em que, quando chegamos ao extra-texto, enfrentamos um desvendar claro e simples, quase a deitar por terra qualquer hermenêutica prévia. É o caso de “Dark & Stormy”, que começa com uma sucessão de vinhetas onde observamos a transformação de um líquido – cerveja de gengibre, de acordo com a legenda – num cenário que começa por parecer o de uma cozinha para logo remeter para um laboratório de química. A verosimilhança começa a abalar-se quando surge o vidro como ingrediente a ser igualmente trabalhado, da sua composição mais básica até ao processo de soprar a matéria para obter uma garrafa. Sem contexto, esta é uma banda desenhada que revela aspetos importantes ao nível da composição, do jogo das cores e da elipse, mas que deixará o



leitor em busca de relações de leitura que permitam abrir a narrativa a outros significados. Quando consultamos as Notas do Autor, percebemos que «Dark & Stormy» foi uma história incluída numa antologia dedicada ao tema dos cocktails, realizada pelo Studio Pilar. Um leitor que não procure estas relações, ou que não conheça previamente a obra do autor, talvez não se sinta surpreendido, mas quem traz para a leitura a bagagem prévia de outros trabalhos de Musturi sentirá este pequeno abalo, a lembrar que a interpretação corre sempre o risco de fugir à própria obra.

Num texto anexo, «A Prisão do Estilo (e um plano de fuga)», Tommi Musturi reflete sobre o seu trabalho, inserindo-o no mundo contemporâneo, no contexto editorial que se vive na Finlândia – não tão diferente daquele que se experimenta na Europa, mesmo que com diferentes escalas – e na relação entre autor e leitores. Numa relação estreita com as «Notas do Autor», mas agora sem a referência concreta a esta ou àquela história, disserta sobre os condicionalismos que uma certa ideia de estilo pode exercer não apenas no trabalho criativo, mas igualmente na receção desse trabalho: «O estilo é o inimigo do autor. O estilo distorce a experiência. A obra deveria cair em cima do público, como uma chuva miudinha num dia de calor. É necessário tocar e comover.» E, mais adiante, resume: «(...) um autor tem de estar numa constante transformação.» É essa procura incessante pela mudança, pelo registo das transformações diárias, que Antologia da Mente – Seleção de histórias curtas reflete de um modo óbvio, sem nunca deixar de ser surpreendente. Não haverá muitos autores tão heterogéneos ao nível do estilo – e aqui, estilo inclui tema, modo de relacionar texto e imagem, ponto de vista emocional e todas as características que contribuem para a obra total, e não apenas traços visuais com elementos reconhecidamente semelhantes – nem tão dispostos a revelarem de um modo tão aberto os seus próprios processos criativos, medos, dúvidas e conquistas.



A CASA DA ANDRÉA

A LENDA DA MULHER SEM DUCHE

ANDRÉA ZAMORANO

— Essa noite aconteceu uma coisa esquisita.

— O quê?

— Tive a impressão de ver um mulher tomando banho às três da manhã?

— Como assim?

— Fiquei com uma daquelas insónias miseráveis que atacam no meio da madrugada. Sabe como é, acordei e já não consegui mais dormir. Fui até na janela da cozinha fumar, a Ana detesta que eu fume dentro de casa, aí aproveitei.

— Ficou vendo a gostosa?

— Que gostosa?

— Você não falou que viu uma mulher tomando banho?

— Você imaginou que estava lá a Monica Bellucci? Aproveitei foi para fumar sem ter que ir na rua e depois subir quatro andares de escada.

— Mas e a mulher?

— Sei lá. Nem prestei muita atenção. Só achei esquisito porque ela estava nua no quintal de madrugada.

— A gostosa ?

— Era gorda.

— Depois queixam-se da fama...

— Quem?

— Lembras-te daquela vizinha ali do n.º10 ? Uma que era muito magrinha, a que se casou com um engenheiro e foi-se embora há uns anos? Pois é, está de volta.

— O quê? Divorciou-se do marido? Fez ela bem. Nunca fui muito com a cara do sujeito.

— Continua casada, Judite.

— Então?

— Não é que a tipa agora deu de tomar duche no quintal às três da madrugada.

— Se tivesse quintal também tomava. Ninguém aguenta essa caloraça. Tão bom. Depois a pessoa coloca uma mesinha no exterior, come o pequeno almoço, parece até que está de férias.

— Nua, Judite.

— Nua?!

— Como veio ao mundo.

— Ao pequeno almoço?

— Às três da madrugada.

— Ai valha-me minha Nossa Senhora! Isso não são horas de comer mais nada.

— Não posso!

— Tou te dizendo.

— Todas as noites?

— À mesma hora.

— Coloca no Youtube

— Queres dizer no BBC Vida Selvagem.

— Ainda bem que somos amigas.

- Só tenho um problema
- Qual?
- O título.
- A Exibicionista da Graça?
- Ou a Tarada da Madrugada?

- Três da manhã é a hora das assombrações.
- Minha avó sempre fala isso
- Se por esses dias começares a ouvir um barulho de água a correr, não olhes pela tua janela
- Porquê?
- O fantasma da mulher vai estar lá em baixo.
- Que fantasma?
- Dizem que ela foi morta numa noite de verão quando andava pelo quintal. Desde então, nas madrugadas mais quentes o seu espírito regressa para limpar o sangue derramado. Ela lava-se até não ter nenhuma gota de porcaria no corpo .
- E o que acontece se olharmos para ela?
- No teu lugar não me arriscava.
- Já a viste?
- Porque que achas que durmo com a janela trancada comesse calor todo.

— O empreiteiro disse que aquilo está difícil, precisa de mais três dias.

— Que chatice! Sabes que podes vir cá a casa quando quiseres. Fica à vontade.

— Estou há tantos dias nessa situação que virei uma profissional do quintal.

— Com esse calor até sabe bem um duchezinho com a mangueira. Vestes um maiô e zás!

— Qual maiô? Às horas que ando tomando banho...

— E vais nua?

— Como vim ao mundo.

— Para deleite da vizinhança.

— Você acha que alguém vai querer ver esta gorda?

— Ainda acabas no Youtube.

— «A Lenda da Mulher sem Duche»

— Tinha piada

— Me confundem com uma alma penada, isso sim.

— Só tu mesmo.

— Não se preocupe. Às três da madrugada aqui no bairro está tudo dormindo.

PS: Algumas vidas são uma banalidade, a minha é uma delas. Fiz este pequeno texto na tentativa de sublimar o prosaísmo da última aflição que me acometeu, fiquei quinze dias sem duche. Só espero, muito honestamente, que ao menos as minhas fotografias terminem em um daqueles sites de criaturas estranhas.

CASA JOSÉ
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS



AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

Witelo

o poder dos jovens

está na representação da sua voz

**andreaia
brites**

at

Work

Dois programas de arte e educação

Bem no cimo da R. Damasceno Monteiro, com uma vista privilegiada sobre o rio Tejo e o Castelo de S. Jorge, escancaravam-se as portas do Hangar para receber todos os que queriam ouvir Mark Miller e Adama Sanneh partilharem as suas experiências com jovens. Quem não soubesse onde era o Centro de Investigação Artística não tinha como enganar-se. Havia pessoas no passeio, de tão cheia que estava a sala. Esperava-se ouvir como conseguiam eles, através dos seus projectos de arte e educação, dotar os jovens de 'poder'. A conversa foi anunciada com o sugestivo título: **Art and education: empowering young people.**

Mark Miller



Test, Risk, Change

Mark Miller vem apresentar o programa Circuit, um programa nacional para jovens entre os 15 e os 25 anos, coordenado pela Tate em várias geografias de Inglaterra, e pelo qual é responsável. O início da apresentação está cheia de dados: cidades e vilas, as galerias envolvidas, o número de jovens participantes, os grupos principais, o dotamento financeiro. O primeiro impacto foi o da dimensão: cinco milhões de libras para um projeto de quatro anos(entre 2013 e 2017), 175000 jovens envolvidos, 80 organizações, mais de 3000 jovens nos grupos principais.

A curiosidade aumentava: o que tinha efetivamente sido feito?, com que objectivos?, que dificuldades tinham enfrentado?, conseguiam hoje encontrar ecos do programa, sinais de transformação? Depois dos números, Mark Miller desviou o foco dos dados objectivos para explicar o funcionamento e, essencialmente, as intenções do programa Circuit. Com três eixos, o Circuit ligou galerias, organizações culturais e sociais que trabalhassem com jovens e a comunidade jovem entre os 15 e os 25 anos. A principal característica do projeto foi a dinâmica de participação. Mark Miller não usou a palavra democracia. Preferiu termos como participação, valores, diversidade, voz, representação. Logo ficou clara a horizontalidade do projeto e a sua criação, passo a passo, contra o assistencialismo, o paternalismo, a propaganda. Chegar aos jovens, em particular aos jovens em condições sociais mais precárias ou discriminatórias, era o primeiro passo, daí a parceria essencial com organizações onde esse público se encontrasse. Mas Mark não alimenta otimismo utópico: «Temos de perceber se nos entendemos com as pessoas das organizações, se vamos conseguir trabalhar. O primeiro ano foi passado nessa procura e nesse encontro. Quando percebíamos que não funcionava, partíamos para outra.» É preciso tempo, investimento

e muito trabalho. As organizações não deveriam ser meras pontes, meros acessos, tão pouco se poderiam apresentar numa espécie de neutralidade ideológica e prática. As organizações eram um interlocutor privilegiado entre as galerias de arte e os jovens, muitos dos quais sem acesso a este tipo de espaços e pensamento. A discriminação e a ausência de representação são os dois elementos basilares para essa ausência que a Tate quer combater. Que efeito tem o acesso à cultura nestes jovens? Que dinâmica de mudança pode despoletar? E como acontece, se acontece? Mark Miller chama a atenção para as suas consequências. «Em 2011 os jovens têm cada vez menos representação nos media, perdem mais a sua voz.» O Circuit pretende, através deste acesso, estender redes e sustentar a voz dos jovens. Assim, neste triumvirato os jovens que entravam no projeto, em cada uma das cidades e vilas onde as parcerias se desenvolveram (Manchester, Liverpool, Cambridge, Londres, Llandudno, Nottingham, Colchester e St. Ives), chegariam às galerias através de processos vários, culminando com workshops, conversas, intervenções curatoriais e a conceção e realização de um festival. Em cada um dos locais o funcionamento foi distinto e o coordenador do Learning Programme da Tate considera este um dos aspectos a destacar: «A diversidade tem significados diferentes em locais diferentes. Foi preciso perceber o que significa raça, sexualidade, género, cultura social e como se manifesta em cada local.» Por isso, houve casos em que as galerias acolheram as organizações e os jovens nos seus espaços, houve casos em que as equipas das galerias saíram ao encontro das pessoas nas suas próprias instalações, houve ainda casos em que as galerias escolheram outros locais públicos para intervenções artísticas colaborativas. Os festivais, por seu turno, foram a oportunidade para se desenvolver um verdadeiro projecto a par, entre os jovens e as galerias. Da programação à comunicação, da segurança à recepção do público, os jovens estavam envolvidos em todos os passos, tendo direito a escolher, a tomar

Adama Sanneh



decisões e a responder por isso tanto quanto os outros elementos da organização. «Com os festivais chegámos a vários perfis de jovens e os organizadores tinham de os ouvir e ser capaz de trabalhar com eles em equipa.» Depois do período de realização do programa, que teve lugar entre 2013 e 2017, a reflexão e a avaliação continua. No site do Circuit há muita informação disponível sobre todas as fases do projeto, incluindo a conferência final. Recuperando palavras de ordem, transformação é provavelmente a principal. O que pode acontecer com esta aproximação dos jovens à arte, nomeadamente às artes visuais? Conhecimento? Sensibilidade estética? Essa é a visão tradicional que prevê a passividade do sujeito público. O que o Circuit quis provocar foi uma transformação em dois sentidos, por um lado no dos jovens mas de igual forma nas galerias. Os jovens não se sentem representados na arte porque ninguém ouve as suas preocupações, ninguém procura refletir e criar sobre temas e abordagens que lhes são caras. Chamar os jovens para as galerias foi uma forma de transformar o discurso artístico, de abrir mais o seu universo e de trabalhar sem um plano. Alguns dos artistas convidados para o programa conseguiram-no e criaram com os grupos com quem trabalharam. Se o jovem pode finalmente ser ouvido e participar, o que se espera que aconteça com ele? «Queremos levar os jovens a manter as suas ideias e intenções», afirma Mark. Os principais objectivos têm a ver com «desenvolvimento pessoal dos jovens envolvidos: ao nível da experiência, das competências, mas sobretudo das amizades, dos contactos, das novas formas de pensar e da consciência de como podem comunicar o poder da arte.» Contudo, «ninguém é obrigado a estar, ninguém tem de voltar. Na Tate temos o Team Tate Collective, um grupo de jovens que se inscrevem para colaborar na exploração de ideias sobre criatividade, cultura e arte e participam em processos criativos e curatoriais com artistas também eles novos ou que estão a começar. Mas só se inscreve quem quer. Temos espaços onde os jovens podem estar, sem

fazer nada, onde se podem encontrar. Se os tentarmos convencer não estamos a respeitá-los.» Atualmente Mark sabe que alguns destes jovens não regressaram às galerias, que outros se dedicaram a uma ou outra expressão artística e que muitos ainda mantêm contacto entre si. Nada está ganho mas os principais valores saem reforçados. Esta transformação tem um carácter de intervenção: «o jovem reflete sobre a sua identidade activa, e sobre de que forma pode ele também contribuir social e culturalmente para mudar o mundo, a arte, a sua comunidade.»

AtWork: um sonho para transformar em acção

À contenção do britânico, Adama Saneh contrapôs um discurso descontraído, informal e cheio de interlúdios humorísticos. Logo a começar alertou a audiência para o fracasso que seria a sua apresentação depois dos números expostos relativos ao Circuit. O co-fundador da Moleskine Foundation mostrava dominar as artes retóricas de captação da atenção da audiência. Num preâmbulo ao que seria a descrição do projecto AtWork, Adama chama a atenção para a transformação do paradigma de aprendizagem: através de um gráfico todos pudemos constatar a aceleração do crescimento tecnológico nas últimas décadas, num ritmo que é pouco compatível com as ferramentas de especialização que são dadas aos alunos nos sistemas de ensino. Paralelamente, o mercado de trabalho impõe como requisito essencial a capacidade de adaptação e solução de problemas que se levantem no decurso deste mesmo crescimento tecnológico. Neste sentido Adama defende que a criatividade deverá ser a competência nuclear a desenvolver, enquanto 'chapéu' que engloba todas as outras competências.

É então neste contexto que a Fundação Moleskine aplica o programa AtWork, criado por Simon Njami na Lettera27, organização de intervenção educacional e cultural de onde vêm

quase todos os membros fundadores da Moleskine Foundation. Njami não integra os órgãos diretivos desta última mas é uma referência incontornável para quem desenvolve os projetos de arte e educação, especialmente para Adama Sanneh, cuja função na Moleskine Foundation é a de diretor de operações, acompanhando o dia da dia da organização e trabalhando no terreno com a equipa e os parceiros. Num comentário divertido interpela Mark Miller: «os números do Simon são muito maiores do que os teus!» O pensador suíço Simon Njami é efetivamente peça central em todo este programa, sendo ele quem, em muitos dos locais onde foi e é desenvolvido, orienta os workshops. A sua vasta experiência curatorial, nomeadamente junto de artistas africanos e da diáspora, assim como o trabalho de reflexão que tem desenvolvido nessa área, dão-lhe conhecimento para integrar não apenas o seu pensamento mas as suas ferramentas. «A educação é como uma caixa de ferramentas.», expõe Adama, para em seguida explicar quais as ferramentas do AtWork: «África, os blocos da Moleskine e a comunidade.» Como podem estes elementos ser ferramentas? São-no para chegar a um «sentido de identidade pessoal e colectivo», e essa consciência será o móbil da transformação. Adama Sanneh enumera então de que forma estes três elementos tão distintos – uma geografia, um objeto e um conceito – se relacionam. «África é uma metáfora do mundo. É o continente com a população mais jovem, onde pode haver mais interrogações sobre o futuro. Os blocos de notas são importantes para a escrita manual. Estamos a perder a capacidade de usar as mãos para escrever. O mecanismo mental e a memória são desenvolvidos de maneira diferente quando se escreve com tinta no papel e quando se carrega em teclas. A comunidade levanta uma questão: como vamos viver juntos? Cada vez temos mais dificuldade em fazê-lo.» Com estas três ferramentas, nasce o programa que, desde 2012, leva um workshop, cria uma exposição e alarga as redes de uma comunidade em diversas



CIRCUIT NA TATE GALLERY

idades africanas e algumas europeias. O primeiro foi no Senegal, em Dakar, e o mais recente, em 2018, em N'Djamena, no Chade. Neste intervalo, o AtWork esteve na Costa do Marfim, no Uganda, no Egito, em Itália, na Etiópia, no Zimbabwe, em Portugal, nos Camarões e de novo em Itália. A ideia é relativamente simples e tem como público-alvo jovens que se interessam por arte, estudantes e artistas até aos 30 anos, aproximadamente. Quando se escolhe o espaço o AtWork estabelece uma parceria com uma organização que pode ser um museu, uma galeria, uma escola, um centro de investigação artística, como aconteceu com o Hangar. Depois o artista ou curador que vai desenvolver o workshop trata de escolher um tema, tendo sempre em pano de fundo a célebre frase de Luther King: «I have a dream.» como paradigma de pensamento e ação para a mudança. Em Lisboa, por exemplo, o tema proposto foi «Where do we go from here?». O workshop dura entre três e cinco dias e da discussão nascerá, para cada um dos participantes, a ideia, a

intenção, a motivação artística que será plasmada no bloco de notas. Cada um criará um bloco único, uma representação artística do seu pensamento e da sua identidade. «A criação artística responde a uma mediação: uma pergunta para discussão, pesquisa e a criação de um objecto de arte a partir daí.» A exposição conta com uma curadoria partilhada com os próprios artistas e espera-se que tenha um efeito na comunidade. Por um lado, é dada voz a quem pouco se sente representado. Logo há uma mudança, por pequena que seja, na dinâmica cultural e identitária daquele lugar. Depois estes artistas juntam-se a todos os outros que participaram no programa noutras geografias, podendo criar laços e rever, noutras criações, os seus temas, as suas abordagens, os seus conflitos. Quando alguém na sala pergunta a Adama se consegue avaliar o efeito do AtWork, Adama sorri e, num tom irónico, afirma: «Quando estivemos em Harare, o tema era *Can revolution be a whisper?* Passado pouco tempo o Mugabe caiu... Não sei se teve alguma coisa a ver...» E depois, mais a sério: «Não podemos saber com muita certeza. Por exemplo, no Chade fomos fazer o projeto no Museu Nacional que estava praticamente fechado. Só poder fazer lá a exposição e dar acesso ao Museu a pessoas que nunca lá tinham ido, fazê-las sentir que podiam lá estar e tinham lugar ali, só isso já é um efeito.» E acrescenta: «Há pessoas que dentro da comunidade falam umas com as outras por skype ou trocam mensagens e percebem que têm as mesmas preocupações. Isso une e fortalece a comunidade.»

A força da representação

Se há ideia que une os dois projetos é a de representação. Trabalhar com jovens nas margens de uma construção e discurso social não significa formatá-los para que se integrem e sim dar-lhes voz, mais ainda, ajudá-los a procurar a sua voz. Mark Miller reconhece que muitos dos circuitos artísticos institucionais não expõem, não refletem e não apresentam arte que se relacione com



estes jovens cujo discurso é distinto. Envolvê-los no programa educacional da Tate é uma forma de aprender com eles, de conhecer e de repensar em conjunto. Outro aspeto essencial prende-se com a ideia de liberdade. A voz é livre, deve ser própria e para isso não há retórica moral que valoriza x em detrimento de y. O convite é sempre o da participação, não o da passividade. Quer com as exposições dos blocos de notas por todo o continente africano, seja com os festivais em Inglaterra, a avaliação imediata é a da transformação da comunidade. E essa acontece em dois níveis: «Há jovens que não regressam. Mas sabem que existe e já estiveram. Em alguns casos basta. Outros regressam, há quem se mantenha em contacto, alguns investem em formação.», nota Mark. A mudança dissemina-se a ritmos distintos, as ações são muitas vezes invisíveis. Mas a circulação, a comunicação e a criatividade darão poder aos jovens, em doses diferenciadas, provavelmente progressivas. Um dia serão, eventualmente, mais visíveis e audíveis.

and the winner is...



Graciela Montes

A escritora argentina Graciela Montes foi distinguida com o XIV Prémio Iberoamericano de Literatura Infantil e Juvenil. Como anualmente acontece, o galardão será entregue na Feira do Livro de Guadalajara, no México, no próximo mês de Novembro. O júri justifica esta atribuição pela obra de referência da autora, pela pertinência social dos temas e pela relação de proximidade que o texto estabelece com o leitor. Alice Vieira foi a escolha da DGLAB para representar Portugal junto dos outros candidatos da geografia iberoamericana a esta edição do prémio.

espelho meu

ANDREIA BRITES



EU SOU, EU SEI

**Ana Pessoa
Madalena Matoso
Planeta Tangerina**

Ana Pessoa estreia-se na escrita de álbum ilustrado com este livro de pequeno formato que logo remete para a primeira infância. O paralelismo que escolhe põe em diálogo o sujeito que começa a descobrir o mundo com as suas acções, os seus temores, os seus desejos, os outros. O pequeno enunciado da página impar relaciona-se sempre com o da página par, funcionando como antítese ou desvio, como complemento, como adição, como alternativa, como sucessão. Há um evidente alargamento do espaço através deste jogo de simplicidades discursivas, com construções sintáticas improváveis e suspensas, algumas onomatopeias e o humor próprio da escritora. Não fora por mais nenhuma razão, que as há, e este álbum surpreenderia por ali se reconhecer, numa estrutura tão distinta, a voz de Ana Pessoa, o seu olhar desmistificador sobre o mundo, a escolha acutilante das palavras e dos exemplos que o representam. As crianças arriscam e hesitam, avançam e recuam, desejam e imaginam, têm colo, têm companhia, riem, resmungam, choram,

alcançam novas competências, ficam doentes, saltam, correm, nadam, visitam sítios pela primeira vez, ou pela segunda, ou pela terceira, observam... E sobretudo estas crianças podem ser, saber e fazer muitas coisas a partir deste discurso em aberto.

Já o olhar de Madalena Matoso faz do texto uma narrativa. Podia ser outra, visualmente falando. Mas o facto é que quando se lê o álbum, não se pressente que uma leitura deriva da outra. Tudo se relaciona numa unicidade que não permite ler a palavra sem a imagem. Como é que uma criança é o rei? No meio dos seus brinquedos? E de que forma se pode relacionar «Eu dou» com «Eu rei»? São opostos, no sentido em que dar significa partilhar e retira ao sujeito qualquer condição de sobranceria? Ou ao contrário, o rei é generoso e por isso dá? A resposta é bem mais simples: uma menina dá comida aos patos e um menino vai às cavalitas de uma mulher. As leituras ficam à responsabilidade de cada um.

Não vale a pena tentar moralizar ou tentar encontrar um sentido subentendido porque o leitor lê o álbum de acordo com a sua própria experiência e cada criança encontrará os seus processos de identificação. O sujeito multiplica-se e chega a deixar de ser identificável entre os seus pares, como na ilustração de «Eu com». Noutros momentos, há vários sujeitos que partilham uma mesa, um barco um banco de jardim, tanto quanto partilham dores, espirros, leituras, lanches bons e menos bons, risos e outros sons. A geometria e a colagem, na sua relação com as cores fortes e as composições planas contribuem para um sentido de alegria e surpresa corroborados por dinâmicas de movimento quase sempre presentes ou inferidas.



O JARDIM SECRETO

**Frances Hodgson
Burnett**
Fábula

A chancela mais literária da 20|20 destinada ao livro infanto-juvenil continua a sua aposta na edição ou reedição de clássicos. Com a nova tradução de Carla Maia de Almeida esta novela ganha o apurado vocabulário e um ritmo certo que se equilibra entre as longas descrições poéticas do espaço natural e a espontaneidade das observações das personagens, manifestadas nos diálogos que se entrecruzam.

Constituindo-se como uma narrativa de transformação, permeada de mensagens éticas, esta não deixa de ser sobretudo uma elegia à natureza na sua mais elementar autosuficiência. A descoberta de um jardim secreto por Mary, uma menina expoliada de afectos e valores e finalmente abandonada resulta em muito mais do que um desafio. O que originalmente nasce da necessidade de passar o tempo, numa casa imensa onde apenas uma jovem criada se interessa por ela, rapidamente ganha contornos de uma missão provocada por novas emoções que o quadro com que se depara lhe provoca. Ao eclodir de múltiplas experiências sensoriais acresce o estreitar de relações com outra criança, Dickon, um bom selvagem amado e valorizado pela família. Este rapaz será um mentor e um pêndulo essencial quando ao duo se juntar Colin, o filho indesejado do dono da casa, cuja história de vida é tanto ou mais triste do que a da sua prima Mary.

A revolução dá-se pela descoberta da natureza num primeiro plano. Porém o que de facto acontece é um progressivo olhar para o outro, o despertar dos afectos e com eles a vontade de ser feliz em conjunto, a necessidade de partilhar. A natureza representa um mistério e Dickon, o rapaz de doze anos que deambula feliz em explorações pela charneca do nascer ao pôr do sol, é apelidado pelos primos de encantador de animais. Há qualquer coisa de telúrico nesta apologia, que conjuga mistério e revelação. O facto de Dickon e Mary decidirem, quando resolvem cuidar do jardim, não o transformar num conjunto de elementos condicionados a um determinado espaço e orientação, como os outros jardins organizados na mansão, aproxima as crianças de um estado puro, selvagem, natural, em oposição ao que é artificialmente produzido pelo homem. A natureza e o seu tempo pautam o quotidiano do grupo e não o contrário. Ao desabrochar das flores, ao surgimento e crescimento dos novos rebentos, aos primeiros sinais da germinação de sementes, as crianças rejubilam de felicidade e a cada novo dia dedicam-se a descobrir pequenas mudanças da vida a crescer. O tempo da narrativa acaba por ser menos lento do que o do ciclo das estações mas não abdica de provocar essa cadência subtil. Não só a flora tem um papel transformador nos dois primos. É na relação que vão estabelecendo com os animais, desde logo o pintarroxo mas também o recém nascido cordeiro, que se começam a vislumbrar as primeiras manifestações de afecto, no discurso e no tacto, antes de serem capazes de o fazer com outras pessoas que também se vão revelando, a passo e passo, queridas. O texto, que data do início do séc. XX, constitui igualmente um interessante mosaico da sociedade rural britânica, da sua hierarquia e levanta, se o leitor aí chegar, questões sobre a desigualdade entre classes. Por fim são os ricos os desfavorecidos de amor e felicidade.

SARAH MAGUIANA

HOMENAGEM

A OLEITOP

ESCRITOP

JO S

SARAH MAGUIANA

CARLOS REIS



Um dia após ser galardoado com o Prémio Nobel de Literatura, José Saramago aguarda no aeroporto de Frankfurt pelo avião que o levará a Madrid. O escritor tem no colo um exemplar de um jornal alemão que publica, na primeira página, o seu rosto. A foto foi feita pelo jornalista e escritor Juan Cruz, na altura editor de José Saramago.

No dia 14 de outubro de 1998, José Saramago foi homenageado no CCB (Centro Cultural de Belém), em Lisboa, num ato organizado pela Biblioteca Nacional e que contou com um auditório abarrotado de gente. Seis dias antes, o escritor fora proclamado Prémio Nobel de Literatura. Estava em Frankfurt, viajou a Madrid, depois a Lanzarote e, por fim, chegou a Portugal para celebrar o prémio com os seus. Entre os presentes na homenagem estava o professor Carlos Reis, então diretor da Biblioteca Nacional, que leu o texto que a *Blimunda* recupera agora, passados 20 anos da atribuição do maior galardão das letras a José Saramago.

Num dos seus romances e num estilo que lhe é característico, escreveu José Saramago: «Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores...» E, logo depois, continua Saramago: «Basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias...»

Não por acaso, adoptou-se como lema desta homenagem nacional – como seu mote, para falarmos a linguagem que às coisas literárias convém – a expressão que abre este passo d' *A Jangada de Pedra*. Não por acaso, sublinha-se nela, de entrada, o «difícilimo acto» de escrever, também a responsabilidade que ele envolve, responsabilidade que só na aparência das coisas entenderemos como expressão de sentido único, pois que, realmente, nela se ocultam e desdobram responsabilidades várias: responsabilidade estética, responsabilidade cultural, responsabilidade cívica, responsabilidade ética.

E também a consciência de uma responsabilidade multiplica que hoje aqui celebramos. Porque, com a literatura que escreveu e escreverá, José Saramago soube protagonizar a dimensão dessa responsabilidade, é ele merecedor de uma gratidão que estendemos também a toda a literatura: essa que o autor de *Memorial do Convento* escolheu como matéria e linguagem com que representa o mundo, os homens que o povoam, as suas angústias e as suas fraquezas; essa que, desde sempre – desde que a palavra se articulou como lugar estético de inscrição de sentidos a dizer – , foi manifestação de pulsões e de tensões, de fortunas e desfortunas, de destinos individuais e de destinos colectivos, de histórias ficcionais e dessa outra História que a todos compromete porque de todos resulta, como trajecto colectivo e fado comum.



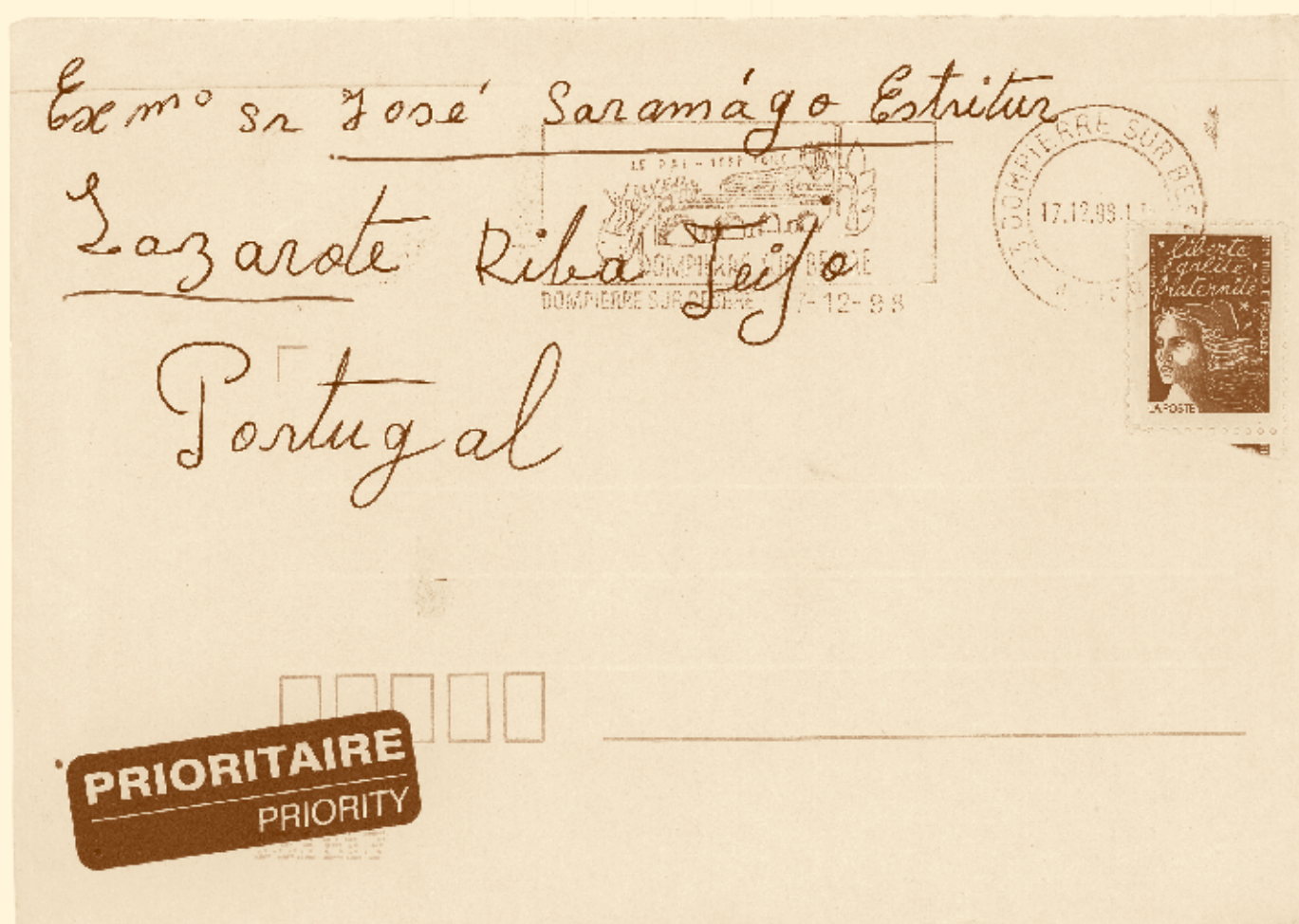
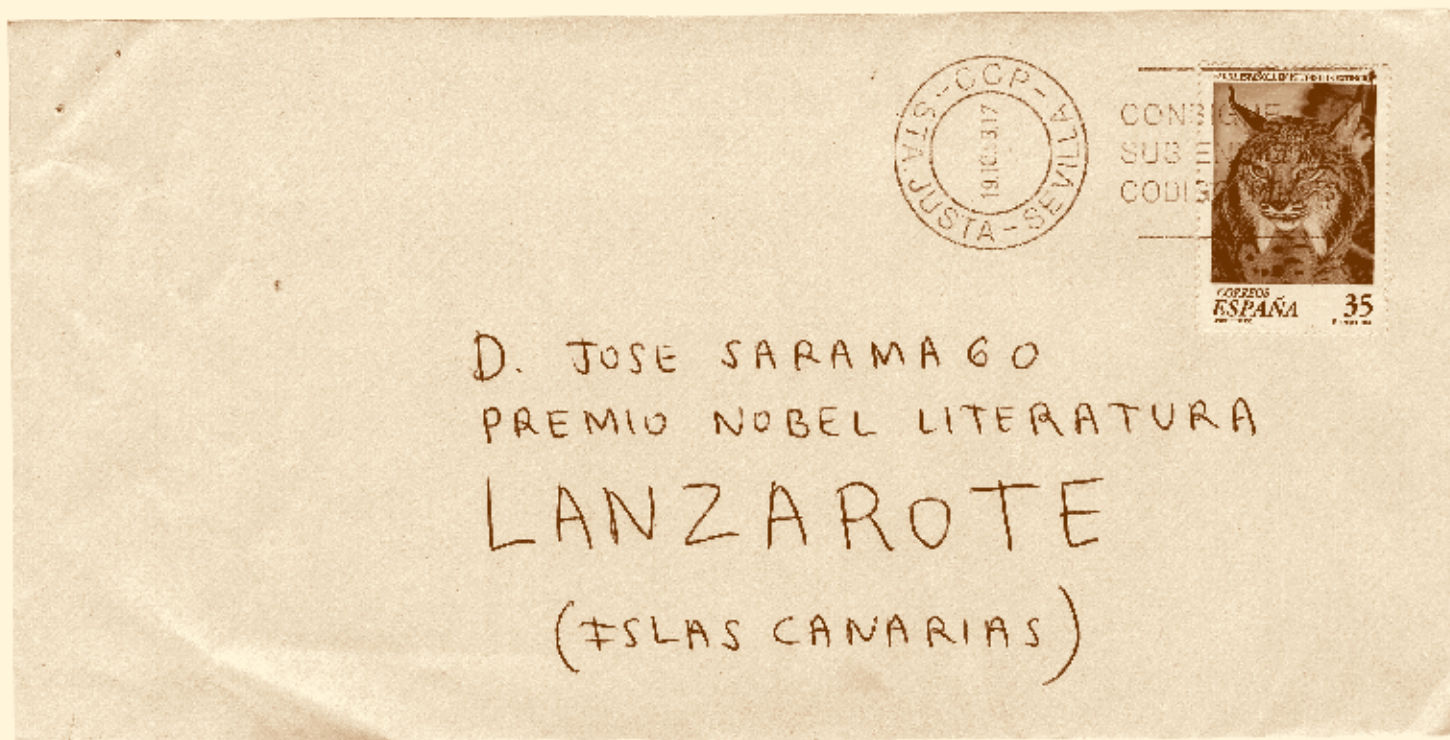
**«É como uma carruagem de metro em hora de ponta,
mas entre os populares veem-se Duarte Lima, Manuel Alegre, Lídia Jorge,
Demétrio Alves, Júlio Pomar...», escreveu o cronista
de um semanário lisboeta sobre a confusão que se viveu no edifício da
Câmara Municipal de Lisboa para ver e ouvir José Saramago.**

Assim é. No princípio era certamente o verbo; mas logo depois, numa espécie de segundo princípio que o primeiro caucionou, esse verbo fez-se a matéria artística com que alguns disseram e dizem o mundo: um mundo tornado singular, que é o deles e já também o nosso. Nesse princípio também remoto está alguém que conta uma história plasmada pela e na palavra, alguém que nos seduz, chame-se-lhe aedo ou narrador, contista ou romancista; alguém que nos domina, pelo talento com que diz «era uma vez» ou «in illo tempore» ou «conta-se que...». Mudaram os tempos, não mudou, porém, esse acto mágico que, abrindo o sésamo da imaginação e do mito, da ânsia de saber e do desejo de conhecer, modeliza uma mensagem a que só podem ser indiferentes os que acreditam que a ficção é só ficção; esses e os que ignoram que na ficção pode expressar-se fingidamente – isto é, por sofisticada modelação artística – uma verdade de sinuosa circulação.

Também por isso, a literatura foi e será cena de projecção de outras tensões que não apenas – o que muito seria já – aquelas que a sua escrita encerra: tensões que explicam que, não raro, à literatura tenham sido cometidos propósitos outros que não aqueles que a sua mesma condição de fenómeno artístico legitima; tensões que, noutros e bem sombrios momentos, sobre ela fizeram recair a violência dos homens que se iludiram com a crença de que censuras e interdições alguma vez poderiam calar a voz dos escritores. Jamais o fizeram – e Saramago é disso a evidência bem viva, ou não fosse ele quem, referindo-se um dia ao poder das palavras e à violência do silêncio, disse: «Caem sobre ele as palavras. Todas as palavras. As palavras boas e as más. O trigo e o joio. Mas só o trigo dá pão».

Ao participar na homenagem nacional que hoje prestamos a José Saramago, a Biblioteca Nacional, como grande instituição de cultura que se preza de ser, homenageia também aquele que um dia foi o seu leitor. E que, sendo-o, deu uma lição de humildade e de trabalho cultural a todos os que vivem ainda a ilusão de que a criação literária é epifania vinda do nada, graças apenas ao toque fabuloso da Fortuna na frente do escritor. Não abundam, infelizmente, tais momentos e por isso – sabe-o bem todo o escritor que o é de corpo inteiro – o labor e isso a que Camões chamava «honesto estudo» há-de completar um talento que, entretanto, aqui não desqualifico, antes igualmente celebro. É verdade que Alberto Caeiro desmereceu dos poetas que trabalham a palavra com paciência e com sacrifício: «Que triste não saber florir», disse; «ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro/E ver se está bem, e tirar se não está...» Mas é certo também que a própria poesia de Caeiro, oculta, sob a inocente perversidade de quem a proclamou, o muito trabalho que a simplicidade artística, afinal, requer.

Assim foi e assim é com o escritor que hoje homenageamos. Quem foi capaz de refigurar o tempo português em que milhares de homens e mulheres construíram um grande convento (homens e mulheres com profissões, lugares com nomes, costumes com cor local); quem soube descrever o cenário de uma Lisboa truculentamente medieval, nas vésperas de uma conquista reinventada; quem fez reviver o tempo e o espaço que foram os do filho do Homem; quem tudo isso e o mais que agora se não diz foi capaz de fazer chama-se José Saramago. Fê-lo também porque interpretou a condição de escritor sob o signo do trabalho metódico, árduo e silencioso, trabalho de estudioso no recolhimento da biblioteca, longe do olhar dos homens



Um emigrante português em França enviou uma carta a José Saramago com a morada que trazia Lanzarote para o interior de Portugal. E a mensagem chegou ao destino.

e da vaidade do mundo; uma biblioteca que não é apenas um depósito de livros mortos, mas um lugar onde se busca e faz cultura viva. Por isso, é com orgulho e é com honra que hoje aqui reconheço, no Prémio Nobel de Literatura, o leitor da Biblioteca Nacional que, há não muito tempo, Saramago foi; por isso também, é este o momento azado para, pela primeira vez, atribuímos a José Saramago uma distinção que acaba de ser criada: a de leitor emérito da Biblioteca Nacional, que José Saramago é a partir de hoje.

O trabalho literário de José Saramago não tem sido nem será uma actividade isolada daquilo e daqueles que o rodeiam. Se a expressão intuição literária não é excessivamente forte, então podemos dizer que Saramago é parte dela, naquilo que a instituição literária encerra de legitimador e de instância de consagração. O facto de a um escritor ser atribuído um prémio – qualquer prémio, mas em especial o Nobel – não pode ser dissociado dessa dimensão institucional que o autor de *Ensaio sobre a Cegueira* inevitavelmente tem que enfrentar.

De sobra sei, porém – porque o conheço e porque nele ecoam exemplos semelhantes –, de sobra sei que José Saramago jamais se deixaria tolher pelos mecanismos da fama e da consagração institucional, tais como os estabeleceu uma concepção mercantil e empobrecida da literatura que hoje vai fazendo doutrina, para escritores e para leitores que praticam a facilidade com princípio. Não assim com Saramago: sem cultivar a dificuldade pela dificuldade, Saramago não é consabidamente um escritor fácil, porque os temas que representa são complexos, incómodos e não raro controversos; e assim, a linguagem que o celebrizou só por uma espécie de hipocrisia e comodismo estilístico poderia escapar à responsabilidade estética de dever ser – de ter que ser – a linguagem

elaborada que lhe é característica. Quem quiser ler fácil e sem maiores incômodos terá que bater a outras portas – que aliás não faltam.

O que o Prémio Nobel de Literatura veio reconhecer em José Saramago foi também essa coragem de ter sabido ser, em muitos anos de vida literária, um escritor exigente consigo e com os seus leitores, com a sua literatura e mesmo com o seu país. Disse em muitos anos de vida literária, porque foi assim que as coisas se passaram. Enganam-se aqueles que pensam que o escritor José Saramago começou inopinadamente a ser escritor em 1980, quando publicou *Levantado do Chão*, o seu primeiro romance de grande sucesso público: entre outras e muitas qualidades, este é um escritor que assume a noção – e disso não se envergonha – de que há uma aprendizagem da escrita literária, uma longa aprendizagem que em Saramago passou pelo trabalho da poesia, do conto, do ensaio e da crónica de imprensa; um trabalho a que não é estranha a herança literária em que Saramago se insere e em que podemos surpreender, entre outras, três presenças de forte carga matricial: a de Padre António Vieira, que antes de mais ninguém cultivou a nossa língua literária como constelação verbal em cada palavra, mesmo a mais insignificante, tem um lugar próprio; a de Almeida Garrett, inovador a quem devemos a criação da língua literária moderna, a par do irreprimível movimento de valorização da terra portuguesa como motivo e como tema; a de Eça de Queirós, pela via de uma ironia crítica que a muitos desconcertou e desconcerta ainda. Assim é com Saramago, que destas referências fundadoras terá colhido ainda o exemplo de uma outra atitude constitucional: a que trata de ver de fora, para ver melhor. Assim se estigmatiza também o famoso trauma do nosso provincianismo, um trauma de que falou Fernando Pessoa, com alguma desmesura e quiçá com uma certa má consciência.

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: NÚRIO ESTEVEZCLART RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO IVA INCLUIDA: 100\$ - 300 PÊSETAS | Nº 134.7 - Nº 47.336 - SEXTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1998

Função pública:
Coelho diz que emenda
da oposição põe
em causa Orçamento
PÁGINA 30

Uma oferta especial hoje com o DN

A obra de José Saramago «Objecto quise»,
ilustrada pelo artista mexicano Juan Sebastián Barberá

5,00€ - PERFECTO DIFUSÃO, 19,90\$



Francisco não se demite,
Guterres pede reunião
a PGR e Cravinho
«combate» a corrupção
PÁGINA 12

JOSÉ SARAMAGO PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA 1998



José Saramago

Páginas 2 e 11 e 64

SEM CUPOM

**Esteja atento. O Código Postal
ganhou 3 novos números.**



Linha Código Postal 8008 21 21 21 • www.ctt.pt



Inscrevo, pois, Saramago numa ilustre família literária, a que outros nomes poderia ainda juntar. Família bem portuguesa, apesar de algumas aparências enganadoras; família que cultivou, amou e difundiu, como Saramago, a língua portuguesa. Por isso se tem dito que o Prémio Nobel de Literatura, entre outras conveniências, traz consigo essa que é a de fazermos dele um argumento em prol da nossa língua e da causa da lusofonia. É verdade, mas convém não exagerar, para que à literatura se não exija o que ela não pode dar e para que não desfiguremos a sua especificidade de fenómeno estético, não de bandeira política. Se é certo que um grande escritor de ampla dimensão internacional muito pode fazer pela afirmação da língua portuguesa como grande idioma de cultura, também é certo que, a par disso, outros argumentos e protagonistas têm o dever de entrar na liça de uma disputa que nos arriscamos a perder, se confiarmos apenas no poder de difusão linguística da literatura – até porque ela não chega lá onde livros não existem e onde a iliteracia é ainda uma chaga por curar.

Fico-me, portanto e por agora, com o escritor José Saramago, Prémio Nobel da Literatura de 1998. Fico-me com o universo que criou e continua a criar: um mundo por vezes sombrio e amargo, céptico e desencantado, onde se cruzam questões axiais, com a necessidade de revermos a História e nela redescobriremos novos e injustiçados heróis; ou a indagação da nossa condição portuguesa, no espaço ibérico e no espaço europeu; ou a revisão de mitos, crenças e valores fundamentais da cultura ocidental; ou a ponderação de egoísmos e crueldades que assolam um mundo de onde, por vezes, a esperança parece ter sido abolida. Tudo isso e também as figuras que povoam os cenários ficcionais de Saramago, sejam Blimunda ou Baltasar Sete-Sóis, Raimundo Silva ou Maria Sara, Joana

Carda, Joaquim Sassa, Pedro Orce ou esse cinzento Senhor José que encontramos no último romance que o escritor até agora publicou.

Todos estão connosco, porque o mundo que os escritores inventam, não é, passe o paradoxo, propriamente inventado: é o nosso mundo, revelado pelo milagre da linguagem que só eles sabem articular. Também por devermos ao escritor a revelação de um mundo que, sendo nosso e talvez até íntimo, ainda não conhecíamos, esta homenagem era devida. Todos estamos nela: aceitemos, por isso, nela também e para que se atinja a suprema harmonia que a literatura busca, os humilhados e ofendidos a que Saramago deu voz e que sinto convergirem nesta celebração, com nesse «dia principal» em que os encontrámos, no final do romance *Levantado do Chão*: «Põe João Mau-Tempo o seu braço de invisível fumo por cima do ombro de Faustina, que não ouve nada nem sente, mas começa a cantar, hesitante, uma moda de baile antigo (...). E olhando nós de mais longe, de mais alto, da altura do milhano, podemos ver Augusto Pintéu, o que morreu com as mulas na noite do temporal, e atrás dele, quase a agarrá-lo, sua mulher Cipriana, e também o guarda José Calmedo (...) e outros de quem não sabemos os nomes, mas conhecemos as vidas. Vão todos, os vivos e os mortos. E à frente, dando os saltos e as corridas da sua condição, vai o cão Constante, podia lá faltar, neste dia levantado e principal».

UM EURO.

**Casa Fernando Pessoa
Fundação José Saramago**

**Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada. O desconto
tem a validade de 10 dias.**

10
ANOS
YEARS
AÑOS



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org



Casa
Fernando
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



EGEAC

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



20 anos Nobel



6 e 7 out Lanzarote, Mafra, Azinhaga e Mafra

“Lugares de Saramago”, um roteiro com o Primeiro-Ministro António Costa por sítios fundamentais da vida e obra de José Saramago

8 a 10 out Convento São Francisco, Coimbra

Congresso Internacional “José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel”.

12 out Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

Apresentação dos livros Último caderno de Lanzarote, de José Saramago, e Um país levantado em alegria, de Ricardo Viel, e abertura de uma exposição em homenagem a José Saramago.

25 out Fundação César Manrique, Lanzarote (Espanha)

Apresentação do livro Último caderno de Lanzarote, de José Saramago.

29 out Biblioteca Almeida Garret, Porto

Apresentação de Último Caderno de Lanzarote, de José Saramago, e Um país levantado em alegria, de Ricardo Viel.

31 out Fundação José Saramago, Lisboa

Sessão com Ana Margarida Carvalho sobre os contos de José Saramago.

7 nov Fundação José Saramago, Lisboa

Sessão com António Mega Ferreira sobre a poesia de José Saramago.

14 nov Fundação José Saramago, Lisboa

Sessão com Jorge Vaz de Carvalho sobre a música na obra de José Saramago.

5 dez Fundação José Saramago, Lisboa

Sessão com Carlos Reis sobre o romance saramaguiano.

9 dez Teatro Nacional Dona Maria, Lisboa

Maratona de leitura do romance Todos os Nomes e sessão de homenagem a José Saramago e à literatura portuguesa com autoras e autores de países lusófonos.

14 dez Museu do Estado do Pará (Belém do Pará, Brasil)

Inauguração da exposição «Saramago – os pontos e a vista», cuja curadoria é de Marcello Dantas.

15 dez Grande Auditório da Culturgest, Lisboa

Estreia mundial da sinfonia Memorial, de António Pinho Vargas, num concerto de celebração dos 70 anos da Declaração Universal de Direitos Humanos.



setembro

Até 5 out Ilustrarte 2018

Últimos dias para ver a Bienal Internacional de Ilustração para a Infância, reunindo trabalhos de meia centena de ilustradores de várias partes do mundo. Castelo Branco, Centro de Cultura Contempoânea. ➔

Até 7 out Tierra Baja

Interpretação do ator Lluís Homar, que assume todos os papéis de uma das obras mais emblemáticas da literatura catalã. Madrid, Teatro de la Abadía. ➔



© JORGE GONÇALVES

Até 13 out O Vento Num Violino

Terceira peça da trilogia do autor argentino Claudio Tolcachir dedicada aos dramas sociais, numa encenação dos Artistas Unidos. Lisboa, Teatro da Politécnica. ➔

Até 13 out Otelo

A peça de William Shakespeare levada à cena pelo encenador Nuno Carinhas, que a coloca em diálogo com a sua encenação shakespeareana anterior, de MacBeth. Porto, Teatro Nacional de São João. ➔

Até 21 out La Ciudad en Viñetas: Maria Medem

Um enorme mural em banda desenhada ocupa o CentroCentro, encerrando o ciclo anual de exposições de autores de banda desenhada dedicados à cidade de Madrid. Madrid, CentroCentro. ➔

Até 27 out As Mil e Uma Noites em Portugal

Exposição sobre a presença e a receção do livro As Mil e Uma Noites no espaço português, incluindo manuscritos, folhetos, cartazes, livros e bandas desenhadas que adaptam este conjunto de histórias. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal. Até 27 de outubro. ➔

INFANTE DO CARMO



Até 15 dez Para Uma Timeline a Haver

Com o subtítulo Genealogias da Dança em Portugal, esta exposição documental percorre a dança portuguesa ao longo do século XX e início do XXI. Viseu, Teatro Viriato. [➔](#)

Até 6 jan Robert Mapplethorpe: Pictures

Exposição que reúne 179 obras de Robert Mapplethorpe, desde as primeiras colagens e polaroides até às fotografias de Mapplethorpe um dos fotógrafos mais notáveis do século XX. Porto, Museu de Serralves. [➔](#)



**Turismo de
qualidade é um
turismo respeitador
que vai a um lugar
que se respeita a si
mesmo**

Último Caderno de Lanzarote

José Saramago